



Universidade da Amazônia

Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

SIEGEP - Sistema de Informações Para Gestão e Planejamento

Banco Bibliográfico

“Mercadoria Em Marx: Uma Nota Introdutória”

(*) José Stênio Sousa

INTRÓITO

A idéia de mercadoria enquanto categoria econômica, é crucial na construção da lógica interna do programa de pesquisa de Karl Marx, precisamente porque é o locus da dinâmica do circuito do capital.

Em especial é preciso que não se perca de vista o fato de que **mercadoria** é a própria materialização da relação entre o homem e natureza, no sentido da produção dos meios materiais para a sua subsistência e reprodução familiar.

Neste sentido, a mercadoria enquanto um objeto útil ao homem, nada mais é do que o processo de humanização da natureza, tal que se caracteriza pela capacidade de satisfazer as necessidades humanas, quer em relação ao consumo necessário pessoal, quer no atendimento das necessidades de consumo produtivo do homem.

O intento de construção do conceito de mercadoria, passa pela lógica da relação que o homem estabelece com a natureza em uma sociedade mercantil, de modo que em última instância, a mesma se manifesta como a objetivação do trabalho do homem no processo de apropriação da natureza, e cujo objetivo é produzir riqueza econômica no sentido capitalista.

A construção da idéia de **mercadoria** enquanto categoria econômica desenvolvida por **Marx** em **A Crítica da Economia Política**, é parte do processo de compreensão do que se define como riqueza econômica no sentido capitalista, isto é, do momento histórico em que a produção e a acumulação se faz sob a égide do capital, sob o domínio da lógica do capital.

E neste sentido a **categoria econômica mercadoria** é a forma mais elementar de expressão da riqueza produzida em uma formação social cuja lógica é a lógica da acumulação de mercadorias enquanto processo de materialização da riqueza econômica.

MERCADORIA E VALOR

A mercadoria se define como a unidade imediata do valor e que se caracteriza particularmente pelo seu duplo aspecto, de modo que se manifesta como um fragmento da natureza transformado pelo homem, portadora de predicados que pontua a sua capacidade de ser útil ao homem, isto é, de ser capaz de atender as necessidades de consumo pessoal.

E neste sentido, a mercadoria contém um certo valor-de-uso, mas também e em última instância é a manifestação da própria riqueza econômica na sociedade mercantil capitalista, portanto é valor-de-troca precisamente porque a sua realização necessariamente passa pelo mercado.

É fundamental não perder de vista que a economia mercantil está edificada sob o princípio da troca.

Em sentido geral, se pode afirmar que a mercadoria **“...ainda que objeto de necessidades sociais, portanto, ligado ao todo social, enquanto valor-de-uso não exprime nenhuma relação social de produção...”** (Karl Marx, O Capital) precisamente porque exprime a determinação do homem em se apropriar da natureza na expectativa única de tê-la como meios materiais para a sua subsistência e reprodução familiar.

A mercadoria enquanto a objetivação do trabalho vivo, se diferencia das outras mercadorias pelo trabalho concreto que define o seu respectivo valor-de-uso.

Assim, é o trabalho concreto que define a mercadoria enquanto valor-de-uso. De modo que o trabalho objetivado pelo sapateiro não se confunde com o trabalho concreto do marceneiro quando da apropriação da natureza.

Por outro lado, como mercadoria, objeto de troca que possibilita a aquisição de outras mercadorias, se caracteriza pela especificidade de que **“...uma mercadoria tem tantos valores de troca quantas mercadorias diferentes dela existam no mercado, e possam, portanto, intercambiar-se com ela...”** (Carcanholo, 1993) ao nível da esfera de circulação do processo de produção capitalista.

Na perspectiva do programa de pesquisa marxista, a mercadoria porque é valor-de-troca corresponde a uma magnitude determinada pelo tempo de trabalho socialmente necessário, de modo que 1 kg de trigo = 5 kg de milho = 0,5 kg de carne = 2 litros de leite = 6 kg de mandioca = 3 lápis =

E assim as mercadorias diferenciam-se pelo valor-de-uso contido em cada uma delas, mas por outro lado, são absolutamente equivalentes na perspectiva do valor-de-troca de cada uma em relação as outras mercadorias, precisamente porque o trabalho é a unidade imediata de manifestação da natureza enquanto riqueza econômica capitalista.

Neste sentido é que o trabalho concreto, o trabalho útil que cria os diferentes valores de uso, obrigatoriamente se realiza como trabalho abstrato, isto é, o trabalho geral, base do valor-de-troca, como explicita Marx ao afirmar que **“...enquanto o trabalho criador de valor-de-troca é um trabalho geral, abstrato e igual, o trabalho criador de valor-de-uso é, por seu lado, um trabalho concreto e particular que, consoante a forma e a matéria, se divide numa variedade infinita de gêneros de trabalho...”**(Karl Marx, 1983).

A mercadoria, portanto, é a produção de meios materiais sob a égide do capital, e somente se realiza enquanto tal, no contexto histórico da sociedade mercantil, e nesta perspectiva temos que **“...as coisas não tem valor por serem coisas. Só possuem valor porque encontram-se dentro de uma sociedade mercantil, isto é, o valor é a expressão das particulares relações sociais de produção existentes na sociedade mercantil...”** (Carcanholo, 1993), em uma formação social onde a subsistência e reprodução familiar é o resultado da subsunção do trabalho ao capital.

Em síntese, a medida em que determinada produção se apresenta somente enquanto valor-de-uso para o produtor, isto é, um conjunto de meios materiais que apenas objetiva satisfazer suas próprias necessidades de subsistência e reprodução familiar, não se qualifica como produção capitalista, isto é, produção de mercadoria, precisamente porque a sua realização não prescinde da sua explicitação enquanto objeto de troca, e exatamente por isto, obrigatoriamente passa pelo mercado.

MAGNITUDE DO VALOR

Diante deste quadro referencial, como explicar o fato de que 1 kg de trigo = 0,5 kg de carne, ou que 1 kg de trigo = 6 kg de mandioca?

A medida em que mercadoria é trabalho vivo objetivado na relação que o homem estabelece com a natureza, temos então que mercadoria é a materialização de certa quantidade de trabalho dispendido pelo homem no processo de transformação da natureza em meios materiais, seja meios de subsistência, seja meios de produção. E neste sentido, a magnitude do valor que representa determinada mercadoria reflete o tempo de trabalho necessário para produzi-la.

A magnitude do tempo de trabalho contido em determinada mercadoria, corresponde então **“...ao tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la segundo as condições sociais em cada momento histórico...”** (Karl Marx, 1983) e que em última instância se expressa como o tempo médio de trabalho necessário para produzi-la.

O fundamental é entender que cada momento histórico está pontuado pelo grau de conhecimento acumulado pelo homem na sua relação com a natureza, de forma que as respectivas condições sociais de produção estão determinadas pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas incorporadas ao processo produtivo.

Em uma formação social mercantil, a relação do homem com a natureza se dá sob a égide do capital, e neste sentido a perfeita relação de correspondência entre as forças produtivas disponíveis e as relações sociais de produção capitalistas é a condição antecedente na determinação do tempo de trabalho socialmente necessário para produzir determinada mercadoria.

À medida em que é irreversível o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, então a incorporação do progresso tecnológico ao processo de produção se dá a partir do desenvolvimento das forças produtivas.

O resultado imediato deste fenômeno se manifesta na expectativa de redução do tempo médio de trabalho para produzir certa mercadoria, considerando que o desenvolvimento das forças produtivas é a condição material para a elevação da produtividade do trabalho, uma vez que possibilita o aumento da exploração do trabalho pelo uso intensivo de capital.

É fundamental lembrar que o tempo de trabalho contido na mercadoria, se entende como o tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la, isto é, **“...o tempo médio de trabalho requerido para produzir um valor-de-uso a partir das forças produtivas disponíveis em determinado momento histórico...”** (Geoffrey Kay, 1977).

À medida em que as forças produtivas disponíveis em cada momento histórico determina o grau de conhecimento acumulado pelo homem, isto é, o grau de domínio do homem sobre a natureza, resulta então que o tempo médio de trabalho requerido para produzir um valor-de-uso qualquer, espelha o nível de desenvolvimento das forças produtivas disponíveis incorporadas ao circuito do capital, e que em última instância determina o patamar da produtividade do trabalho na economia mercantil.

Considerando a proposição da irreversibilidade do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, observa-se que a tendência é de expectativa permanente quanto a elevação da produtividade do trabalho. E ao criar a expectativa de redução da média de horas de trabalho necessária para produzir um determinado valor-de-uso, ocorre concomitantemente uma melhoria nas condições objetivas para a produção e multiplicação da riqueza econômica na formação social capitalista, objetivo de quem decide sobre os gastos de investimentos na economia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na proposição teórica de Marx, a idéia de mercadoria, enquanto categoria econômica somente é possível construí-la no contexto de uma formação social mercantil, e neste contexto é que se explica porque o modo de produção capitalista se manifesta como uma economia mercantil.

Assim a lógica do desenvolvimento conceitual de mercadoria é a lógica de desenvolvimento de particulares relações sociais de produção, onde a produção dos meios materiais para a subsistência e reprodução familiar subordina-se aos interesses da acumulação do capital.

Assim, os objetos na economia mercantil, não interessam somente enquanto meios materiais úteis ao atendimento das necessidades do homem, mas simplesmente porque é a forma concreta de explicitação da riqueza econômica no sentido capitalista.

É conclusivo portanto, o fato de que o processo de produção na sociedade capitalista, em última instância é um processo de valorização do capital, dado que a sua finalidade não está na produção de objetos que satisfaçam necessidades humanas, e sim na capacidade que tem de se multiplicar enquanto capital.

Em resumo, a mercadoria enquanto valor-de-uso se constitui apenas no instrumento para a explicitação do valor-de-troca, isto é, como meio para materializar a reprodução e a multiplicação da riqueza em uma formação social mercantil.

Bibliografia

- 01 - CARCANHOLO, Reinaldo A.. *A Dialética da Mercadoria* in Revista Ange, N.º 4, Rio de Janeiro, 1993.
- 02 - MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1983.
- 03 - NAPOLEONI, Cláudio. *Lições Sobre o Capítulo Sexto(Inédito) de Marx*, Ed. Ciências Humanas, São Paulo, 1981.
- 04 - KAY, Geoffrey. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento: Uma Análise Marxista*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.
- 05 - SANTOS, Theotonio dos. *Forças Produtivas e Relações de Produção: Notas Introdutórias*, Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

(*) Mestre em Economia, NAEA/UFPa, Professor Titular de Teoria Econômica e de Economia Política na Universidade da Amazônia/Unama. Economista da SECON/PMB. Professor pesquisador e coordenador do SIEGEP.